

A EXCLUSÃO SOCIAL DE MULHERES JOVENS, COM IDADE ENTRE 15 A 24 ANOS, NO MERCADO DE TRABALHO MINEIRO

Cristiane Márcia dos Santos – Doutora em Economia Aplicada, Professora do Curso de Economia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) – Campus Mariana II, e-mail: crikamarcia@hotmail.com

Flávio Dias Leal – Economista, e-mail: fdileal@yahoo.com.br

Rosângela Aparecida Soares Fernandes - Doutoranda em Economia Aplicada (UFV/DER), Professora do Curso de Economia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) – Campus Nova Iguaçu, e-mail: roaeconomista@yahoo.com.br

Resumo: O objetivo deste artigo foi identificar a situação das mulheres, com idade entre 15 e 24 anos, no mercado de trabalho mineiro em 2008. Estimou-se um *logit multinomial* para as probabilidades das jovens encontrarem, em uma das ocupações: inativa, ativa e empregada, ou ativa e desempregada. O aumento da escolaridade e experiência aumenta as probabilidades de emprego e desemprego. A renda *per capita* relaciona-se positivamente com probabilidade inativa e negativamente com a desempregada. O fato de a jovem possuir filho influencia as categorias empregada e inativa. Há indícios de discriminação racial contra mulheres jovens que não são da cor branca.

Palavras – Chave: mercado de trabalho, mulheres jovens, exclusão social, desemprego.

Área Temática: **Economia mineira:** Trabalho.

1-Introdução

Desde 2004, os dados disponíveis sobre o mercado de trabalho brasileiro assinalam uma trajetória de crescimento do emprego no país, em especial da demanda por trabalho formal. Esse período de virtuosa formalização do mercado de trabalho foi propiciado tanto pelo dinamismo do comércio internacional como pelo aquecimento do mercado interno. A partir de setembro de 2008, entretanto, a situação mudou radicalmente. A crise do mercado de hipotecas *subprime* nos Estados Unidos ganhou dimensão internacional, e espalhou desconfiança pelos mercados financeiros, desencadeando uma crise de liquidez com sérios efeitos sobre a produção, o emprego e a renda ao redor do mundo.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT) (2010), os primeiros sinais da crise internacional sobre o mercado de trabalho brasileiro parecem ter-se manifestado em outubro de 2008, quando começa a haver uma diminuição no ritmo de queda do desemprego verificado no país, que é seguida, a partir de janeiro, pelo aumento das taxas de desemprego em proporções superiores ao que se poderia atribuir à sazonalidade do período. Segundo os dados da Pesquisa Mensal de Emprego, nos sete meses que se seguiram à crise – outubro/2008 a abril/2009 –, a proporção de trabalhadores(as) desempregados(as) subiu de 7,5% para 8,9%, um aumento de 1,4 ponto percentual. No mesmo período dos anos anteriores – outubro/2007 a abril/2008 – a tendência verificada era inversa, com redução de 0,2 ponto percentual na taxa de desemprego medida para as seis principais regiões metropolitanas do país.

A questão do emprego relacionada a aspectos quantitativos e qualitativos é um problema social que tem se destacado nos debates econômicos nacionais, pois abrange economias desenvolvidas e em desenvolvimento.

No ano de 2008, a taxa de desemprego atingiu 7,1%, contra 8,1% em 2007, esta taxa diminuiu entre os homens e as mulheres, sendo que para eles passou de 6,1%, em 2007, para 5,2%, em 2008; já as mulheres, que tinham registrado uma taxa de desocupação de 10,8%, em 2007, passaram a uma taxa de 9,6%, em 2008. O rendimento médio mensal real de trabalho, estimado em R\$ 1 036,00 para 2008, foi 1,7% superior ao do ano anterior (R\$ 1 019,00). Embora tenha aumentado, o ritmo de crescimento diminuiu nos últimos três anos, uma vez que, de 2005 para 2006, variou 7,2% e, de 2006 para 2007, cresceu 3,1% (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE/Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD (2008)).

Avaliando-se o comportamento recente da desigualdade de renda domiciliar nas grandes regiões, em 2008, verifica-se que das cinco regiões brasileiras, somente a região Centro-Oeste teve o valor do índice de Gini de desigualdade de renda domiciliar aumentado, variando positivamente em 0,5% (2007 = 0,564; 2008 = 0,567). Nas demais regiões do país ocorreram uma redução nesta medida de desigualdade: Norte (-2,0%), Sul (-1,4%), Sudeste (-0,6%) e Nordeste (-0,2%) (IBGE/PNAD (2008)).

Apesar da queda na taxa de desemprego e elevação na renda dos trabalhadores, sugerirem uma melhoria nos indicadores econômico e sociais para o ano de 2008, quando são abordadas questões relacionadas a desemprego/emprego é importante destacar uma desigualdade nacional bastante marcante associada a elementos como: região, sexo, idade, entre outros. O desemprego incide sobre as populações de forma desigual atingindo, portanto, diferentes grupos sociais ou diferentes segmentos da força de trabalho. Destaca-se que, as taxas de desemprego são relativamente mais elevadas para indivíduos jovens com idade

máxima de 24 anos, do que para as demais faixas etárias. De acordo com estudo realizado por POCHMANN (2007), uma parcela significativa dos jovens que não trabalha, não estuda e tampouco procuram trabalho diz respeito a jovens do sexo feminino, sendo que segundo o autor a razão para o problema, na maioria dos casos, está associada à gravidez precoce.

Um argumento bastante difundido sobre a causa do elevado desemprego dos jovens é sobre a sua dificuldade em conseguir o primeiro emprego. Segundo alguns estudos destacam, as próprias características da juventude, como por exemplo, a procura por ocupações incompatíveis com sua qualificação e/ou necessidades do mercado explicam esse fato. Também existe o argumento que relaciona o elevado desemprego a um sistema de educação inadequado perante as exigências do mercado de trabalho e a incapacidade de muitos jovens continuarem a freqüentar a escola. Por outro lado, ressalta-se que quanto maior o nível de escolaridade, maior será o tempo de procura por emprego porque as exigências dos jovens passam a ser maiores e, assim, o elevado desemprego juvenil poderia ser uma consequência quase natural, visto que é longo o tempo de busca de inserção estável no mercado de trabalho (CENTERFOR/OIT, 1997, *apud* MADEIRA & RODRIGUES, 1998).

Analisar a questão do emprego sob o enfoque da população jovem feminina é de suma relevância mediante o contexto descrito. Segundo Tomás (2007), o ingresso no mercado de trabalho tem chamado a atenção de pesquisadores e formuladores de políticas públicas, pois esse assunto agrega diferentes campos políticos, como a saída da escola, a inserção precária versus freqüência à escola, a qualificação e preparação para o mercado de trabalho e a existência de empregos que possam absorver os jovens. Logo, além de problemas econômicos gerados pelo desemprego entre os jovens, sugere-se que um agravante ainda maior é o fato de que “o desemprego e a baixa empregabilidade dos jovens podem contribuir para o aumento da violência, da prostituição, e do consumo de álcool e drogas, assim como a vulnerabilidade social no mundo inteiro” (OIT, 1999, p.2).

Diante de um contexto de melhorias dos indicadores no mercado de trabalho nacional e, considerando-se as desigualdades mencionadas acima, o presente artigo tem como objetivo identificar a situação das mulheres jovens, com idade entre 15 e 24 anos, no mercado de trabalho mineiro, buscando analisar a magnitude e os determinantes do desemprego dessa categoria no ano de 2008. No caso do Brasil, o problema do desemprego entre as mulheres jovens no Estado de Minas Gerais pode ser analisado de forma detalhada utilizando-se os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) referente ao ano de 2008.

2 - Metodologia

O modelo *logit multinomial* para as probabilidades de mulheres com idade entre 15 e 24 anos se encontrarem, em um determinado instante do tempo, em uma destas 3 situações: inativa, ativa e empregada, ou ativa e desempregada foi utilizado neste artigo a fim de investigar as taxas de inatividade, emprego e desemprego.

Classificaram-se como inativas todas as mulheres que, dentro da faixa etária considerada, não possuíam trabalho e nem haviam procurado pelo mesmo na semana de referência. Nesta categoria pode-se citar: as donas de casa que possui como atividade exclusiva os afazeres domésticos e cuidados com os filhos, as estudantes que se dedicam exclusivamente ao estudo, deficientes físicos e mentais incapazes de exercer qualquer tipo de trabalho, etc. As ativas e empregadas são todas que trabalharam ou tinham trabalho na semana de referência da pesquisa e, ativas e desempregadas são aquelas que não tinham trabalho,

porém procuraram pelo mesmo na semana de referência¹. Dessa forma, a variável dependente apresenta o valor 0 – se a pessoa pertence à categoria inativa, 1 – se é ativa e empregada e 2 – se a pessoa é ativa e desempregada.

Dentre os vários estudos que utilizaram o modelo *logit multinomial* para avaliar a magnitude e os determinantes do desemprego no mercado de trabalho nacional pode-se citar os trabalhos de FERNANDES & PICCHETTI (1999) e SILVA & KASSOUF (2002). Os primeiros utilizaram dados da PNAD de 1995, cujo objetivo foi entender as características que afetam a probabilidade de um determinado indivíduo se encontrar desempregado em um determinado instante do tempo, com uma amostra restrita a indivíduos com 10 anos ou mais de idade, residentes em áreas metropolitanas. Já SILVA & KASSOUF (2002) se basearam em dados da PNAD de 1998, buscando diagnosticar a situação dos jovens, com idade entre 15 e 24 anos, no mercado de trabalho brasileiro.

O modelo logit multinomial pode ser representado da seguinte forma²:

$$\text{Prob}(\text{evento } j \text{ ocorrer}) = \text{Prob}(y=j) = F[\beta'x]$$

em que j são as várias situações em que o indivíduo se encontra (inativo, ativo empregado e ativo-desempregado), assim, de acordo com o que foi mencionado anteriormente, j pode assumir os valores 0, 1 e 2. O conjunto de parâmetros β reflete o impacto das mudanças em x (matriz de atributos observáveis para as pessoas) na probabilidade de determinada pessoa se encontrar em uma das três categorias possíveis.

A especificação do modelo logit multinomial utilizada é dada pela seguinte equação:

$$P_j = \text{Pr ob}(Y_i = j) = \frac{e^{\beta_j'x_i}}{\sum_{k=0}^J e^{\beta_k'x_i}} \quad (1)$$

em que: Y_i = variável aleatória que indica a escolha feita,

P_j = $\text{Prob}(Y_i=j)$ = probabilidade de um indivíduo i optar pela escolha j ,

X = matriz de atributos observáveis para os indivíduos,

β = Vetor de parâmetros a serem estimados.

O modelo é estimado por máxima verossimilhança. Uma vez que os coeficientes não representam diretamente as respostas marginais das variáveis explicativas são calculados os efeitos marginais a fim de facilitar a análise dos resultados. Para estimar e obter os efeitos marginais primeiramente pressupõe-se que $\beta_0 = 0$. As probabilidades são dadas por:

$$P_j = \text{Pr ob}(Y_i = j) = \frac{e^{\beta_j'x_i}}{1 + \sum_{k=1}^J e^{\beta_k'x_i}} \quad \text{para } j=1, 2, \dots, J \quad (2)$$

e

$$P_j = \text{Pr ob}(Y_i = 0) = \frac{1}{1 + \sum_{k=1}^J e^{\beta_k'x_i}} \quad (3)$$

Diferenciando as equações acima encontram-se os efeitos marginais:

¹ A PNAD considera desempregada a pessoa que está procurando pelo mesmo, diferenciando-se neste aspecto à categoria inativa.

² Para maiores informações ver GREENE (1997).

$$\frac{\partial P_j}{\partial X_j} = P_j \left[\beta_j - \sum_{K=0}^J P_K \beta_K \right] = P_j [\beta_j - \bar{\beta}] \quad (4)$$

em que $\bar{\beta} = \sum_{K=0}^J P_K \beta_K$. Os sinais dos efeitos marginais podem ser diferentes dos sinais dos coeficientes estimados.

A probabilidade de ocorrência de cada resposta, de acordo com este modelo, varia conforme as diferentes características das variáveis a serem estudadas.

3 - Dados

O objetivo principal deste trabalho é avaliar os fatores que determinam a posição das mulheres jovens, com idade entre 15 e 24 anos, no mercado de trabalho mineiro. Para tanto, utilizou-se dados desagregados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) referente ao ano de 2008. Essa pesquisa baseia-se em uma amostra probabilística de domicílios e, para o ano de 2008, foram pesquisadas 391.868 mil pessoas amostradas em 150.591 unidades domiciliares. A coleta de dados foi realizada em 27 de setembro de 2008. Esta pesquisa compõe dados de uma amostra com um número elevado de indivíduos, que agregam informações na qual há detalhes sobre a vida sócio-econômica de cada um, como rendimento do trabalho, raça, nível de escolaridade, região onde vive, idade, número e idade das crianças por família, posição do indivíduo na família, atividade que o indivíduo exerce, número de horas trabalhadas, etc. (SILVA & KASSOUF, 1998).

A descrição das variáveis utilizadas neste trabalho é apresentada a seguir:

- escol – número de anos que a jovem frequentou a escola;
- exper – anos de experiência da jovem. A variável experiência foi calculada pela diferença entre a idade, o tempo de escolaridade e seis anos relativos à idade pré-escolar da pessoa, (exper = idade – escol – 6);
- exper2 – anos de experiência ao quadrado;
- exper_escol – interação das variáveis experiência e escolaridade;
- renda – renda familiar;
- filho_bi – variável *dummy* que assume valor 1 se a jovem possui filho e 0 caso contrário.
- raça_bi - variável *dummy* que assume valor 1 quando a jovem é de raça/cor branca e 0 caso contrário.
- urbano_bi - variável *dummy* que assume valor 1 quando a jovem reside em área urbana e 0 caso contrário.

4 – Resultados e discussões

4.1 - Equações de inatividade, emprego e desemprego para as mulheres jovens

Os dados reportados na Tabela 1 mostram os resultados das equações de inatividade, emprego e desemprego para mulheres jovens mineiras, com idade entre 15 e 24 anos, em que são representados os efeitos marginais. Em geral, as variáveis explicativas tiveram poder explicativo razoável. Todavia, verifica-se que variáveis de maior relevância para explicar a

probabilidade de desemprego, mostraram-se estatisticamente significativas, como a escolaridade, renda, experiência, experiência e escolaridade.

Tabela 1 - Efeitos Marginais para equações de inatividade, emprego e desemprego, no Estado de Minas Gerais, 2008

Variáveis	Inativo (referência)	Empregado	Desempregado
Escol	-0,1114	0,0918	0,0196
Exper	-0,1672	0,1307	0,0365
Exper2	0,0057	-0,0039	-0,0018
Exper_escol	0,0056	-0,0038	-0,0018
Renda	0,0001	0,0001 ^{NS}	-0,0001
Filho_bi	0,0884	-0,0877	-0,0007 ^{NS}
Raça_bi	0,0049 ^{NS}	0,0232 ^{NS}	-0,0281
Urbano_bi	-0,2292	0,1558	-0,0734

Fonte: Elaboração a partir dos dados da PNAD (2008).

Os resultados reportados na Tabela 1 evidenciam que a escolaridade contribuiu para aumentar a probabilidade de emprego e desemprego das mulheres jovens e para diminuir a probabilidade de inatividade. Sugere-se que aumento da probabilidade de desemprego pode parecer bastante controverso. Uma provável explicação para esta situação, pode estar associada ao fato de as mulheres nesta faixa etária e com maior nível de escolaridade, passam um período de tempo maior dedicando-se exclusivamente aos estudos objetivando participarem de processos seletivos como concursos públicos, por exemplo. Já a redução na probabilidade de inatividade e aumento de emprego com o acréscimo da escolaridade atende a uma hipótese mais tradicional, corroborando o que ocorre com maior frequência na realidade. Dessa forma sugere-se que, o impacto negativo sobre a inatividade e positivo sobre o emprego devido à elevação do grau de instrução educacional, são explicados, obviamente pelo fato de que quanto maior a escolaridade maior será a capacitação da jovem em desempenhar determinadas funções demandadas pelo mercado de trabalho.

A variável experiência apresentou sinais compatíveis com os encontrados na variável escolaridade, ou seja, o aumento da experiência aumenta a probabilidade de emprego e desemprego e diminui a probabilidade de inatividade. Verifica-se que o efeito da experiência exerce impacto maior sobre as categorias em análise do que a escolaridade. Além disso, o efeito da experiência é ainda maior que o efeito da escolaridade em diminuir a probabilidade da jovem estar inativa. Enquanto o aumento de um ano de experiência diminui em 16,72% a probabilidade de a jovem estar inativa, esta probabilidade diminui 11,14% com o aumento de um ano de escolaridade.

Com relação à interação entre experiência e escolaridade, verifica-se que esta se mostrou significativa para todas as categorias, sugerindo que a variável é fator determinante na probabilidade de a jovem encontrar-se nessas três ocupações. Por outro lado, o comportamento verificado para a probabilidade das ocupações empregado e desempregado foram estatisticamente significativas e decrescentes. É importante mencionar que, esta variável pode representar produtividade, o que corrobora a hipótese de relação inversa com a

probabilidade de desemprego, uma vez que, as jovens com maior produtividade terão maiores chances de obtenção de rendimentos comparativamente mais elevados. Consequentemente, tal fato não justifica a probabilidade de desemprego, mas sim a atratividade ao mercado de trabalho. Porém, os resultados obtidos podem parecer bastante contraditórios, uma vez que, observa-se uma relação negativa entre essa variável e a ocupação empregada. Todavia, sugere-se que possivelmente, a elevação da produtividade da jovem pode implicar também, em certa incompatibilidade com determinados postos de trabalho ocasionado, muitas vezes, por uma maior capacitação profissional.

No que diz respeito à renda, verifica-se que esta variável apresentou-se estatisticamente não significativa apenas para a probabilidade do emprego. Embora o impacto para as demais categorias apresentaram uma proporção ínfima. SILVA & KASSOUF (2002), realizaram um trabalho para as probabilidades de inatividade, emprego e desemprego dos homens jovens com idade entre 15 a 24 anos, com residência urbana, os resultados encontrados nesse trabalho mostraram um relacionamento positivo entre a variável renda e as ocupações inativo e emprego e, negativo com relação ao desemprego. Os autores destacaram em seu estudo que, a princípio, esperava-se que a renda afetaria positivamente a probabilidade de desemprego e negativamente a probabilidade de emprego, uma vez que essa variável deve tornar maior o salário reserva dos indivíduos e, quanto mais elevado fosse este salário, maior deveria ser o salário exigido para aceitar uma oferta de trabalho, o que, *ceteris paribus*, deveria elevar a sua probabilidade de desemprego. Todavia, os resultados encontrados neste e naquele trabalho, sugeriram que, quanto maior a renda, maiores devem ser suas condições de formação e preparo para se inserir no mercado de trabalho, o que deve elevar o grau de inatividade e reduziria a probabilidade de desemprego.

Analisando-se os efeitos marginais para a variável *dummy* filho verifica-se que esta se mostrou estatisticamente significativa para as probabilidades de inatividade e de emprego. Os coeficientes que representam a presença de filhos apresentam sinais condizentes com a teoria, corroborando a hipótese de que o fato de a jovem possuir filhos diminui a probabilidade de estar empregada e aumenta a probabilidade de inatividade.

Os resultados encontrados para a variável que representa a raça das jovens, também não foram estatisticamente significativos, para as ocupações inativo e empregado e, negativamente significativa com a probabilidades de desemprego. Observa-se, portanto, a existência de discriminação racial para as jovens que não são de cor branca, pois, aquelas que são de outras raças, possuem uma maior probabilidade de desemprego que as de raça branca. Assim, o fato de a mulher jovem ser de raça branca, diminui a probabilidade de desemprego.

No que tange a variável *dummy* urbano, nota-se que o fato de a jovem encontrar-se na área urbana aumenta a probabilidade desemprego e diminui a probabilidade de se encontrar nas outras duas ocupações. Logo, sugere-se que, residir na zona urbana consiste em fator positivo para a mulher jovem fazer parte do mercado de trabalho. Por outro lado, em alguns aspectos pode-se explicar o impacto negativo sobre o desemprego, talvez pela própria possibilidade de se encontrarem mais oportunidades de trabalho na cidade do que no campo especialmente considerando-se a faixa etária em análise.

5- Conclusões

A exclusão de jovens no mercado de trabalho é um problema que se destaca no debate econômico nacional. Apesar de se verificar uma pequena reversão na tendência de desigualdade no ano de 2008 a taxa de desemprego ainda atinge de maneira desigual os diferentes grupos sociais ou diferentes segmentos da força de trabalho. É importante

mencionar, o caso de jovens com idade máxima de 24 anos, que possuem taxas de desemprego mais elevadas do que as demais faixas etárias, sendo que a situação é ainda mais agravante, quando se considera jovens do sexo feminino nessa faixa etária. Tal situação pode ser verificada em todas as regiões do país diferindo apenas no que tange à intensidade.

Diante do problema exposto, este estudo procurou identificar a situação das mulheres jovens, com idade entre 15 e 24 anos, no mercado de trabalho mineiro, buscando analisar a magnitude e os determinantes do desemprego dessa categoria no ano de 2008. Para tanto, realizou-se a estimação de um modelo *logit multinomial* para as probabilidades das mulheres jovens se encontrarem, em determinado período de tempo em uma das seguintes ocupações: inativo, ativo e empregado, ou ativo e desempregado. Utilizaram-se como variáveis explicativas: escolaridade, experiência, interação da escolaridade e experiência, renda per capita, existência de filhos, raça e *dummies* de localização urbana.

Verificou-se a partir dos resultados que, o aumento da escolaridade e experiência aumentam as probabilidades de emprego e desemprego e diminuem a probabilidade de inatividade. Já a renda per capita apresentou relação significativa e positiva com a probabilidade de empregado, e negativamente com a probabilidade de desemprego e não se mostrando relevante para explicar a categoria de emprego. Sugere-se que acréscimos na renda familiar *per capita* gerariam aumento da inatividade já que mulheres jovens pertencentes a famílias que possuem renda *per capita* elevada teriam melhores condições de se prepararem para o mercado de trabalho, se dedicando aos estudos por exemplo, o que elevaria a inatividade e reduziria a probabilidades de desemprego. No que tange a interação entre experiência e escolaridade, verifica-se um relacionamento negativo dessa variável com relação às categorias empregado e desempregado e positivo quanto à inatividade. Além disso, o fato de a jovem possuir filho, se mostrou relevante para explicar as probabilidades da jovem encontrar-se empregada ou inativa. Com relação à probabilidade de desemprego, observam-se indícios de existência de discriminação racial contra mulheres jovens que não possuem a cor branca. Residir na zona urbana que contribui de forma positiva para a jovem fazer parte do mercado de trabalho.

Assim, tendo em vista que são vários os fatores que influenciam a posição da mulher jovem no mercado de trabalho, os tomadores de políticas públicas deveriam formular políticas integradas, adequadas à realidade, de formas a melhorarem as possibilidades das jovens conseguirem um emprego que lhes possibilite condições de trabalho e sobrevivência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERNANDES, R. & PICCHETTI P. Uma análise do desemprego e da inatividade no Brasil metropolitano. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 29, n.1. p. 87-111, abr. 1999.

GREENE, W. H. **Econometric analysis**. 3.ed. New York: Macmillan, 1997. 1075p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008: Microdados on CD-ROM.

MADEIRA, F. R. & RODRIGUES, E.M. (1998) “Recado dos jovens: Mais Qualificação”: **in Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas, Brasília: Comissão Nacional de População e desenvolvimento (CNPD)**, vol. 1, p. 427-496.

OIT, ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Boletim Mulher e Trabalho. 2009. Disponível em : www.oitbrasil.org.br/topic/gender/doc/crisemulheres_10.pdf. Acesso em : 21 de jan de 2010.

. **Fórum internacional jovem século XXI: educação, formação profissional & empregabilidade**. Brasília: (mimeo), dez. 1999.

POCHMANN, M. **Situação do jovem no mercado de trabalho no Brasil: um balanço dos últimos 10 anos**. São Paulo. Fev. 2007. mimeografiado.

SILVA, N. D. V.; KASSOUF A. L. **A exclusão social dos jovens no mercado de trabalho brasileiro**. *Revista Brasileira de Estudos de população*, v. 19, n. 2, jul/dez. 2002.

STATA. **Stata User’s Guide**, Release 9, College Station, Texas: Stata Press.

TOMÁS M. C. **O Ingresso dos jovens no mercado de trabalho: uma análise das regiões metropolitanas brasileiras nas últimas décadas**. Belo Horizonte – MG UFMG/Cedeplar 2007. Dissertação de Mestrado. **Centro de Desenvolvimento e planejamento Regional Faculdade de Ciências Econômicas – UFMG**.